

***Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado: a construção de identidade na Educação Infantil**

Poliana Bernabe Leonardeli¹

Yara Leite Dos Santos²

Thalita Da Silva Pereira³

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar como a representatividade negra na literatura infantil pode contribuir para a afirmação da identidade da criança ao insuflar-lhe valores positivos acerca dos seus aspectos étnico-raciais. Para tanto, analisa a obra *Menina Bonita do laço de fita* (1986) de Ana Maria Machado, apontando nas temáticas do livro - afirmação positiva da imagem do negro e valorização da diversidade cultural – elementos importantes para o combate ao racismo por meio da superação de estereótipos acerca do negro e sua cultura. O resultado da análise indica que a representação positiva dos valores da comunidade negra via literatura infantil pode auxiliar na superação de padrões negativos construídos sobre os negros ainda na infância. Decorre disso a necessidade de as escolas adotarem acervos infantis que contemplem as culturas em suas pluralidades.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Identidade; Questões étnico-raciais.

Beautiful Girl from Ana Maria Machado's Ribbon Bow: the construction of identity in Early Childhood Education

Abstract: This article aims to analyze how black representation in children's literature can contribute to affirm their identity, infusing them with positive values about their ethnic-racial aspects. Therefore, it analyzes the work *Menina Bonita do laço de fita* (1986) by Ana Maria Machado, pointing out the themes of the book - positive affirmation of the image of black people and valuing cultural diversity - important elements for combating racism through overcoming stereotypes about black people and their culture. The result of the analysis indicates that the positive representation of the values of the black community via children's literature can help to overcome negative patterns socially constructed during childhood. Hence, the need for schools to adopt children's collections that consider cultures in their pluralities.

Keywords: Children's Literature; Identity; Ethnic-racial issues.

Introdução

A literatura endereçada ao público infantil contém elementos importantes para a construção identitária da criança. Isso decorre, sobretudo, em razão da linguagem ser o

¹ Doutoranda em Letras, pela UFES. Docente da Faculdade Municipal de Linhares (Faceli). E-mail: pleonardeli@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4534-474X>.

² Curso de Pedagogia FACELI. E-mail: vdgotas@gmail.com

³ Curso de Pedagogia FACELI. E-mail: pobelli@hotmail.com

elemento sobre o qual cada indivíduo constrói sua visão acerca da realidade e esse processo se inicia logo na primeira infância.

Infelizmente, historicamente, a literatura brasileira, inclusive a infantil, tem se concentrado na construção de narrativas centradas na visão eurocêntrica ao privilegiar personagens e visões de mundo de origem colonialista. Poucos autores negros brasileiros tiveram suas obras literárias publicadas ou foram aceitos em nossas academias. No caso da literatura infantil, tardiamente valorizada no país, a maior parte das histórias trata de questões relacionadas à infância de crianças brancas de classe média e urbanas, como vemos em obras de autores consagrados como Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ricardo Azevedo, dentre tantos outros.

Como boa parte das crianças matriculadas na educação infantil pública são herdeiras da cultura negra, vivenciam essas práticas culturais cotidianamente e também enfrentam desde cedo os desafios de pertencer a essa parcela da população brasileira, essa realidade acerca da produção literária infantil nacional, acima exposta, acaba gerando um conflito no que se refere ao trabalho com a literatura infantil logo nos primeiros anos de contato da criança com a escola, haja vista a ausência de enredos literários que tratem da cultura e dos problemas inerentes à infância negra brasileira.

Como se não bastasse, algumas obras publicadas de autores muito consagrados no gênero, como Monteiro Lobato, representam as personagens negras por um viés estereotipado, marginal, relacionando a pobreza de boa parte dessa população à má conduta e à ignorância. Atualmente, o mercado editorial parece apontar para a necessidade de valorização à diversidade e, com isso, a representatividade negra tem ganhado espaço nas publicações infantis. O primeiro avanço real em relação ao assunto ocorreu quando o Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2004) apresentou a Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004, instituindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Embora isso tenha ocorrido há quase duas décadas, ainda há muita fragilidade curricular no que se refere ao assunto.

Um dos aspectos mais precários em relação à formação étnica cultural nos ambientes escolares refere-se ao acesso à literatura que trate do tema. As obras literárias têm uma grande influência na formação das crianças, pois incentivam a criatividade, o desenvolvimento da aprendizagem, a maturação dos aspectos emocionais, e, principalmente, a construção da identidade na primeira infância. A escola é um dos primeiros lugares onde a criança conhece a

dinâmica da sociedade e se reconhece parte integrante dela. Ser reconhecida e valorizada em sua diversidade é essencial para sua afirmação nesse ambiente. Embora se saiba disso, ainda não há nos espaços escolares um trabalho consistente com obras infantis que tratem da infância negra.

Dessa forma, o presente artigo objetiva enfatizar a importância da literatura na construção da identidade na educação infantil, apontando em uma obra literária de Ana Maria Machado, *Menina Bonita do laço de fita* (1986), elementos do enredo que atuam positivamente para a valorização da representatividade negra. Esses elementos podem oportunizar aos leitores infantis momentos de reflexão acerca da própria identidade e da valorização à diversidade cultural.

A pesquisa divide-se em quatro capítulos: o primeiro faz uma retomada histórica do panorama geral da literatura infantil no Brasil; no segundo capítulo, aborda-se a literatura infantil negro brasileira; no terceiro, são levantados alguns apontamentos sobre a construção da identidade na infância e, ao final, explora-se a obra *Menina bonita do laço de fita* (1986) de Ana Maria Machado a partir de uma perspectiva pedagógica.

PANORAMA GERAL DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Na Idade Média, a criança era considerada um “pequeno adulto” ou um “adulto em miniatura” (ARIÈS, 1981). Não havia, na época, uma distinção etária clara acerca da função social dos indivíduos. Com a ascensão da classe burguesa, a partir do século XVI, e da institucionalização do patriarcado, estudos mais específicos sobre a infância começaram a ser impulsionados pela Europa. Nessa mesma época, a escolarização, uma das bandeiras das revoluções burguesas, se populariza e atinge boa parte dos estratos sociais europeus. Desse movimento, surgem os primeiros livros endereçados à formação integral da criança (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007). Contudo, essas obras privilegiavam os valores da infância branca e burguesa, desconsiderando as pluralidades étnicas, quando não as rebaixando, como era comum nas nações europeias, que no mesmo período iniciaram o processo colonial mundo afora.

No Brasil, a produção de uma literatura especificamente infantil decorre do processo iniciado na Europa. Todavia, a dinâmica aqui é mais lenta, iniciando-se apenas no final do século XIX, mas tendo somente em Monteiro Lobato, no início do século XX, um autor mais qualificado para o gênero. *Reinações de Narizinho* (1931) tornou-se um marco para a literatura

infantil brasileira à época de seu lançamento, pois até então as narrativas predominantes no Brasil eram versões dos contos de Fada, livros estrangeiros, textos brasileiros nacionalistas, histórias com teor didático e carregadas de valores morais, conforme afirmado por Lajolo e Zilberman em *Literatura infantil brasileira* (2007, p. 30-32):

A adaptação do modelo europeu que nos chegava geralmente através de Portugal, nesse primeiro momento da literatura infantil brasileira, não se exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos. (...) é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores, trocando cartas de bons conselhos com parentes distantes.

O impacto da obra de Lobato foi tamanho que o mercado literário infantil brasileiro evoluiu progressivamente graças ao autor, e, infelizmente, muitas vezes, em função dele, resultando, por muitos anos, em uma indústria editorial à procura de obras originais infantis e juvenis que se moldavam às características de sua produção (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007).

Em 1971, a partir da reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pelo Parecer nº 853, da Lei 5.692, ainda durante a ditadura militar, obrigou-se o emprego do acervo de autores nacionais nas instituições escolares de 1º grau (CAVÉQUIA, 2010), atribuindo à leitura um caráter tão somente pragmático ao direcionar sua prática à formação educacional do estudante. Segundo Nelly Novaes Coelho (1985, p. 212):

O mais importante para o problema que aqui nos ocupa (a Literatura Infantil) é a ênfase dada à leitura, nos currículos e programas de 1º e 2º graus, elaborados segundo as diretrizes propostas. A *leitura*, como habilidade formadora básica, é colocada como ponto de apoio (...), durante o processo de aprendizagem. Inclusive, o texto literário passa a servir de ponto de partida para o estudo da gramática ou da língua em geral.

Apesar da decisão se assentar em parâmetros tecnicistas e desconsiderar o valor simbólico da literatura para a identidade e a humanização dos indivíduos, tal decisão estimula a produção literária infantil nacional. De acordo com o avanço da democratização do ensino, nas décadas posteriores, mais alunos são acolhidos pela instituição escolar e também novos gêneros literários infantis e juvenis emergem. Embora carregada de fragilidades, a escola

possibilitou a muitos estudantes, originários de famílias sem escolaridade e em sua maioria negras, o acesso ao livro infantil ainda na primeira infância (FARIAS, 2018).

Entretanto, como desde os primórdios da formação de uma literatura infantil nacional, a construção literária dos textos infantis esteve voltada exclusivamente a crianças brancas, a população negra se viu excluída também nesse sentido, ou seja, apesar de agora matriculada em uma instituição do estado e com a garantia legal de acesso à produção literária escrita, os acervos a que os discentes de ascendência negra tinham acesso desde cedo representavam valores unilaterais, centralizados nas expectativas eurocêntricas. Por conseguinte, não havia livros direcionados à criança negra porque “não havia qualquer tipo de preocupação com a criança negra. Esta não tinha visibilidade alguma no cenário burguês, supostamente moderno e civilizado que aqui se procurava instaurar, (...)” (FARIAS, 2018, p. 18). Ou seja, a figura do negro permaneceu inexistente nos textos literários, pois não havia uma atenção a esse público, pelo contrário, buscava-se seu apagamento por meio de políticas de supremacia racial.

LITERATURA INFANTIL NEGRA

Segundo Martins (2015), a literatura africana baseava-se na tradição oral, uma vez que o dom da palavra é sagrado para os componentes dessa sociedade. As histórias eram transmitidas em reuniões comunitárias, nas quais os saberes eram compartilhados entre todos, confirmando a afirmação de Machado (2006, p. 80):

É a palavra que diz o que é, sendo o que diz. A palavra é um bem. A fala é vida, é ação. É sopro que transforma. A fala faz acontecer o que preexiste em potência em cada movimento do universo. No universo africano tudo fala, e pela palavra tudo ganha força, forma e sentido, e orientação para a vida. Nas culturas africanas, principalmente hoje, compreende-se a história a partir da compreensão da oralidade. É através da oralidade, da voz do/s narrador/narradores que os mitos e os modos de organização dos rituais são transmitidos. (...). Portanto, o ato de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. Assim, a comunidade, no que se lembra (sic) e pela forma como se lembra, reverencia os seus ancestrais, conservando os valores de convivência que estão na memória como um “jeito de ser”, “pertencer” e “participar”.

Uma literatura infantil nacional que reflete esses valores basilares da sociedade africana acima descritos - da qual descendem boa parte dos alunos matriculados nas escolas públicas brasileiras - só começa realmente a ser publicada em nosso território nos anos finais do século

XX e início do século XXI. Esse período converge com o momento em que pautas acerca do racismo são abordadas em forma de denúncia, e também em que se dá a ruptura dos estereótipos e a ressignificação da representação social do negro, valorizando-se a cultura africana e a sua contribuição para o Brasil pelos seus descendentes (SOUZA e SODRÉ, 2011).

A imagem social do negro passa paulatinamente a ser valorizada na arte literária devido aos “propósitos do movimento da *negritude*” (OLIVEIRA, 2008), ou seja, a partir de um movimento do próprio negro em sociedade. Essa transgressão atravessa também os textos literários infantis por considerá-los um importante elemento de representatividade das relações étnicas e de enaltecimento das identidades negras. Proença Filho (2004, p. 186) destaca a relevância da afirmação positiva do negro que “traz para a representatividade literária a afirmação de elementos que vão dos espaços míticos (resgate da memória coletiva) aos sócio-históricos (resgate dos elementos que fazem a história do negro enquanto grupo étnico)”. Considerando esse aspecto, o acervo literário infantil negro brasileiro permite:

(...) contribuir para a compreensão dos processos históricos, culturais que envolveram e continuam a envolver a construção identitária do povo brasileiro. A literatura infantil afro-brasileira traz consigo uma proposta inovadora e contemporânea, retratando de maneira crítica e consciente a história e cultura dos afrodescendentes (SOUZA e OLIVEIRA, 2015, p. 30)

O Movimento Negro teve papel importante na luta contra a discriminação racial e o preconceito nos espaços escolares à medida em que conduziu os protestos e a pressão às autoridades públicas por uma nova abordagem da história africana e da cultura afro-brasileira nos currículos, pois de acordo com Araújo e Morais (2014, p. 10) “graças à pressão das organizações que compõem o Movimento Negro, em 1995, foi incluso Pluralidade Cultural como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (...)”. Outra grande conquista da população negra foi a instituição da Lei nº11.645, de 10 de março de 2008, alterando a Lei nº9.394 (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) modificado pela Lei nº10.639/2003 tornando obrigatória a inclusão do tema História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo oficial de ensino (SOUZA e OLIVEIRA, 2015).

No caso da literatura negra em si, podemos apontar como marco a publicação dos *Cadernos Negros*⁴, criado pelo grupo Quilombo hoje, no ano 1980. Esse projeto visou expandir

⁴ **Cadernos Negros** é uma série literária independente que veicula textos afro-brasileiros. A série **foi** concebida por jovens estudantes que acreditavam no poder de conscientização, sensibilização

a “arte feita por negros” (PROENÇA FILHO, 2004), além da “afirmação étnica e de identidade cultural, o espírito de grupo, aliados às lutas contra dificuldades mercadológicas que enfrentaram e enfrentam (...)” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 178). Os *Cadernos Negros* publicaram muitas obras. Segundo afirma Fonseca (2006, p. 14):

Na proposta inicial dos *Cadernos Negros* é defendido o uso da expressão literatura negra para nomear uma expressão literária que se fortalecia com as lutas por liberdade no continente africano, na década de 70. (...). Os *Cadernos Negros*, na contramão da literatura legitimada, assumiam a rebeldia de segmentos da população negra em sua luta contra a chamada democracia racial.

Retomando o contexto da literatura infantil negra, entre as obras literárias lançadas pelos autores às crianças, e já transformadas em clássicas do gênero, reafirmando positivamente as características físicas e culturais dos negros, destaca-se Geni Guimarães em *A cor da ternura* (1991), a primeira escritora a produzir uma história para as crianças negras, aliás, a obra também é autobiográfica, pois “representa a realidade não somente a partir de um ponto de vista intelectual, mas, também a partir de sua experiência pessoal,” (SOUZA e OLIVEIRA, 2015, p. 33).

Outros autores merecem destaque e reconhecimento na área, por exemplo, Joel Rufino dos Santos, Heloisa Pires Lima, Georgina Martins, Kiusam Oliveira, Madu Costa, Elisa Lucinda, Lázaro Ramos e tantos outros cujas obras tratam da diversidade cultural negra (FONSECA, 2006) e, além da qualidade literária inerente, precisam ser mais exploradas em espaço escolar por esse motivo.

Mediante os fatos apresentados, percebe-se que a produção e publicação literária infantil negra decorreu da luta dos movimentos contra o racismo, demonstrando-se por meio desses movimentos a necessidade de narrativas que atendessem a essa nova demanda pautada na valorização das relações étnico-raciais, pois as histórias com representatividade são fundamentais “para que as crianças cresçam aprendendo seu passado histórico e tendo condições de se desenvolver integralmente” (SILVA e SILVA, 2011, p.8).

Nesta pesquisa, cujo anseio é apontar a representação da identidade no corpus do texto literário como objeto de valorização da criança negra na escola, escolheu-se a obra de uma

e acolhimento da literatura, e viam na poesia uma possibilidade de expressar e promover uma arte propriamente negra.

renomada autora infantil, Ana Maria Machado, que embora tenha sido comumente uma representante da literatura infantil assentada em valores eurocêntricos, lançou em 1986 a obra *Menina bonita do laço de fita*. Entende-se que apesar da autora não se filiar diretamente a um movimento de valorização da cultura negra, nem ter vasta obra literária sobre o assunto (como outros escritores aqui citados), o reconhecimento acadêmico já alicerçado da autora, quando publicou a obra, e o sucesso de público do livro foram também importantes impulsionadores para o lançamento posterior de obras para a primeira infância que tratavam das temáticas negras.

A construção da identidade na infância

No que se refere à afirmação/construção da identidade na infância, há muitos autores que pesquisam a temática e trazem suas próprias concepções acerca do assunto. Para o melhor entendimento sobre esse tema, cabe explorar alguns conceitos a partir de estudos na área.

O indivíduo aprende, constrói e representa sua identidade desde o nascimento, pois ele nasce em uma família, ou seja, em uma comunidade (já em andamento), constituída de valores, crenças e visões de mundo (FERNANDES; DE SOUZA, 2016). Para Passos (1999) a identidade se configura pela maneira dos indivíduos se reconhecerem e de serem reconhecidos, como se veem e são vistos. Assim, aquilo que os outros dizem e esperam de um sujeito passa a fazer parte da sua natureza e a modelar a sua personalidade.

Essas perspectivas convergem pelo menos no sentido de que, nos primeiros anos de vida, são os familiares, a escola, ou outros adultos que cuidam diretamente da criança que possuem potencial de influência sobre a formação da identidade desses indivíduos. No mesmo sentido, é “por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, que a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído [...], e construindo sua autoimagem, seu autoconceito” (BENTO, 2012, p. 112). Ou seja, a percepção do outro, no que diz respeito à valorização da identidade racial é extremamente significativa na formação da percepção de mundo da criança.

Como é de acordo geral entre pesquisadores que a identidade é construída a partir do contato com outras pessoas, ou seja, no meio social, onde acontece a interação e a troca de culturas, esse processo de construção das identidades dos indivíduos está à mercê de constantes mudanças, a depender de discursos e influências diretas de jogos de poderes implícitos nas

relações sociais diversas. Enquanto indivíduos, estamos imersos em um ambiente que propicia uma base para a constituição da nossa identidade. Essa identidade torna-se, assim, fruto de um processo de socialização, mas também de disputas (FONSECA, 2006).

Berger e Luckmann (2015) consideram que a construção de identidade só ocorre nos meios sociais e é um processo social. Desse modo, gradativamente, indivíduos se relacionam e, conseqüentemente, desenvolvem novas maneiras de agir, pensar, e também se comportar. Esse jogo de identificações, o qual é construído a partir de uma interação discursiva, tem o poder de ressignificar traços de uma identidade em construção, estabelecendo novas interpretações possíveis da realidade em torno.

Decorre disso, a importância da escola como canal de acesso ao discurso literário, que devido a questões socioeconômicas, é muitas vezes acessível às crianças apenas em espaço escolar. Entende-se que a literatura consegue transpor o senso comum, humanizando o indivíduo por meio da experiência estética (CANDIDO, 2011). No que se refere à criança negra, a literatura que privilegia a cultura afro é praticamente o único vetor a difundir o discurso da valorização da cultura de origem africana diretamente a esses sujeitos atualmente, haja vista que, na indústria cultural, nos textos religiosos cristãos, nos cargos políticos e demais hierarquias da sociedade brasileira, ou seja, em todos os discursos e representações linguísticas, a maior parte das identidades são tão somente caucasianas.

De acordo com MELO (2019) a construção da identidade é, sobretudo, produto da relação do homem com a cultura:

A cultura, enquanto universo simbólico através do qual se atribui significado à experiência de vida, orienta todos os processos de criação do homem, não só no domínio das artes, mas também no que o homem aprende ao longo de sua existência, acrescentando-se ao que já sabe por herança dos antepassados, como sua visão do mundo (MELO, 2019, p. 80).

Por conseguinte, Geertz (2008, p. 9) afirmava que a cultura pertence a todos “porque o significado o é”, e sendo assim, a cultura é uma representação social, parte intrínseca da produção humana em suas especificidades, identidade e memória dos grupos sociais estando presente em toda sociedade e passível de valorização independente de sua origem. Stuart Hall (2016) reitera que a “representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. (...) Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas”.

À vista disso, as interações que acontecem no ambiente escolar vão se configurando no cotidiano por meio da relação das crianças com o meio, principalmente na educação infantil, quando elas percebem as diferenças e as particularidades de si e do outro. Esse momento promove o reconhecimento e a aceitação de sua imagem, melhor dizendo da sua identidade, bem como de sua autoimagem (MARTINS, 2015)

A educação infantil precisa ser vista a partir dessa perspectiva de construção de identidade, pois precisa-se trabalhar o desenvolvimento da criança, explorando-se o reconhecimento do eu e as diferenças de si com o outro. A educação assume papel preponderante no desenvolvimento da criança. Educar é humanizar; é, segundo Melo (2019), depositar em cada homem toda a obra humana que o antecede, tornando-o efetivamente humano.

Mediante esse tema, pode-se perceber, de fato, a importância da educação infantil, que por muitos é concebida somente como momento de lazer e cuidado, como um ambiente que exerce grande influência quando se refere à construção da própria imagem/identidade na criança. Nesse sentido, as narrativas infantis podem ser um importante discurso para a construção do olhar do estudante sobre si e sobre o mundo, evitando-se que, à mercê de tantos outros enunciados discursivos, o educando venha a tornar-se um indivíduo com concepções equivocadas sobre a representação social do negro.

Menina bonita do laço de fita e a representatividade na educação infantil – possibilidades

Nascida no dia 24 de dezembro de 1941, no Rio de Janeiro, Ana Maria Machado é professora, jornalista e escritora de livros endereçados ao público infantil e adultos. Em 2003, ocupou a Cadeira nº1 da Academia Brasileira de Letras, sendo eleita para presidência da instituição nos anos de 2012 a 2013. A autora é formada em Letras Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia com pós-graduação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com doutorado na França e orientação do linguista Roland Barthes. Foi também professora nessa instituição assim como na PUC-Rio, além de outras escolas brasileiras, também lecionou em universidades estrangeiras (ABL,2017).

O livro *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), foco de análise desta pesquisa, em linhas gerais, relata a curiosidade e a fascinação de um coelho branco em relação à origem da cor da pele e de outras características físicas de uma menina negra que, segundo o enredo, reside próxima ao animal, por isso o coelho pergunta repetidamente à vizinha: “_ Menina bonita do

laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 1986, p. 8). Apesar das questões se centralizarem em aspectos mais físicos da menina do que propriamente culturais, o livro, principalmente por trazer autoria consagrada, já é responsável, no ano de seu lançamento, pela abertura de caminhos a uma nova temática na literatura infantil nacional: a exploração positiva da identidade negra.

Devido ao fato de a literatura infantil conter elementos significativos à formação da identidade da criança, Farias (2018, p. 25) defende a importância da representação social via literatura para o público infantil “se sentir representado, por meio de imagens e histórias que contemplem e valorizem a diversidade independentemente da cor da pele de cada indivíduo”. À vista disso, confirma-se a importância da representatividade para as crianças negras brasileiras na construção de sua autoestima, autoconceito, subjetividade e no combate à discriminação racial, pois por meio de obras desse gênero e que tratam das temáticas de teor africano em específico “o leitor criança ou adolescente afro-brasileiro pode olhar para os livros e reconhecer que existem elementos específicos da sua raça/etnia/cor e vivenciar um sentimento de prazer e grande satisfação” (SOUZA; SODRÉ, 2011, p. 20)

Isso se confirma na obra por meio da admiração do coelho branco em relação à menina, ao dizer o quanto ela era linda: “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo (sic) da pantera negra quando pula na chuva” (MACHADO, 1986, p. 3). Importante mencionar a alusão à simbologia africana da pantera na descrição da menina. Ana Maria Machado tem por característica literária construir seus enredos por meio de simbologias. No caso da pantera, segundo lendas da tradição oral africana, essa figura está vinculada à lua e sua alusão em um texto indica a presença do enorme poder da energia feminina. A despeito disso, o trabalho subjetivo da autora com o arranjo das palavras, por si só, ao descrever a menina, já confere um tom elogioso às suas características físicas.

O livro menciona também a herança da cultura africana ao descrever o penteado da menina com “tranças de estilo africano, penteado e trajes variados” (JOVINO, 2006), demonstrando um exemplo positivo da concepção da imagem social do negro, ao distanciá-lo dos estereótipos atribuídos comumente, tendo em vista que valoriza a estética negra, reforçando positivamente a formação integral da criança, destacado neste fragmento: “Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava

parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (MACHADO, 1986, p. 4).

Considerando os elementos da narrativa, é relevante destacar a posição de protagonista ao desconhecer a origem da sua cor de pele quando indagada pelo coelho, o que a leva a construir uma série de hipóteses acerca da pele “tão pretinha” (MACHADO, 1986):

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou: - Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina... (...). Deve ser porque tomei muito café (...). Deve ser porque eu comi muito jabuticaba quando era pequenina (p. 8 - 12).

Esse excerto revela que a menina está confortável com a própria negritude, o que não é o caso de todas as crianças negras matriculadas em escolas brasileiras na atualidade. A leitura desse texto em sala seria um elemento de ressignificação na construção da identidade para crianças com estima prejudicada em relação à sua etnia. Nesse sentido, ao utilizar-se dessa literatura, evidencia-se o papel da escola como mediadora entre o indivíduo e sociedade onde “passa a ser vista como principal espaço de desconstrução de fixações, termos e conceitos construídos historicamente, por ser ambiente privilegiado de trocas culturais e de vivências entre indivíduos oriundos de diferentes grupos étnico-raciais” (FERNANDES; DE SOUZA, 2016, p. 112-113).

A literatura é uma reprodução de ideias e valores do mundo real, o qual não possui uma “representação neutra, mas de enredos e lógicas que permitem a construção e reconstrução do real” (SOUZA e SODRÉ, 2011, p. 10). Nesse sentido, Ana Maria Machado reconstrói os valores sociais ao subverter papéis sociais, pois se socialmente são comuns os apelos de embranquecimento do negro brasileiro, por meio de apelos para transformações estéticas e comportamentais, na obra relata-se as tentativas fracassadas do coelho ao tentar se tornar preto, ou seja, há uma troca de papéis, onde a cor, a fisionomia e o cabelo da protagonista são enaltecidos, ao contrário do que é comumente visto na indústria cultural e no mundo das propagandas:

O coelho saiu dali e procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume (sic), ele ficou branco outra vez. (...) tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. (...). (...) se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi

fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto (MACHADO, 1986, p. 9-13).

Em outra passagem, a menina começa a inventar outra desculpa da origem da cor até que finalmente com a intervenção da mãe, o motivo é descoberto conforme observamos no seguinte fragmento “a menina não sabia e já ia inventando outra coisa, (...), quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: - Artes de uma vó preta que ela tinha...” (MACHADO, 1986, p. 15). Demonstrando-se, conforme afirma JOVINO (2006), a “ênfase na importância da figura da avó e da mãe na vida das personagens”, ou seja, a referência à herança ancestral, valor sedimentar das culturas de matrizes africanas.

Por meio dessa descoberta, o coelho branco passa refletir sobre a fala da mãe da menina e ao analisar a árvore genealógica da própria família, conclui que as relações raciais resultam na miscigenação, pois “a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos” (MACHADO, 1986, p. 16) e para atingir o objetivo e conseguir uma “filha pretinha e linda que nem a menina” (MACHADO, 1986) deveria encontrar e casar com uma coelha preta. Até ele finalmente conhecer uma coelha e se casar com ela, segundo o trecho:

Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, (...). Tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe (sic), afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado (MACHADO, 1986, p. 20-21).

Ao final da história, o coelho branco alcança o desejo pretendido e a Menina bonita do laço de fita da história torna-se a madrinha da coelhinha, configurando os laços entre as diferenças. Quando a coelhinha sai de casa, ela é perguntada sobre o “segredo pra ser tão pretinha”, responde com confiança e orgulho sobre a origem da cor de pele “conselhos da mãe da minha madrinha” (MACHADO, 1986, p. 19).

O texto, se conduzido com qualidade em sala, pode contribuir para a construção e representação positiva de ideias e valores acerca da identidade negra desde a infância. De acordo com a afirmação de Oliveira (2008, p. 7), pode-se confirmar que:

A literatura, não esqueçamos, pela sua capacidade de projeção a universos distantes, tem um papel significativo na empreitada de contribuir para redimensionar nosso olhar em face de nós mesmos e do universo circundante.

Então, que saibamos fazer uso dela, com vistas à conscientização e sensibilização dos/as educadores/as que, dependendo de seu ponto de vista, podem ajudar a (de) formar ou (des) construir a identidade negra tão bela, rica e diversa, como as demais.

Portanto, se as diferenças são construídas socialmente, o respeito à diversidade, a luta contra o racismo e a discriminação racial também podem ser conduzidas por meio da interação, valorizando, dessa forma, a diversidade étnico-cultural e “visando à construção de uma sociedade mais justa e verdadeiramente democrática” (SOUZA e SODRÉ, 2011, p.06).

À vista disso, o livro apresenta valores da afirmação positiva da representação social do negro perante a sociedade majoritariamente eurocêntrica e racista, e a autora Ana Maria Machado ressignifica a imagem social do negro ao apresentar em sua narrativa o respeito e a valorização da estética negra e a diversidade cultural, pois caso trabalhado corretamente poderá fomentar a criticidade durante a construção da identidade na infância objetivando a formação integral da criança.

Considerações finais

A literatura infantil, desde seus primórdios, passou por diversas mudanças de acordo com o contexto e expressões ideológicas da época. Antes da ascensão da burguesia, não havia uma preocupação formalizada com o desenvolvimento infantil, mas a partir da instituição desse estrato social como classe dominante surgem correntes teóricas que se debruçam sobre a formação integral da criança e sobre a formação de alguns valores na infância e, então, obras voltadas a esse público são lançadas para suprir essa demanda.

No entanto, em geral, esses livros ao abordarem a temática negra, apresentavam enredos preconceituosos devido à forma em que os negros eram representados, pois essas personagens eram estereotipadas, infantilizadas e sempre inferiorizadas em relação ao branco, repassando discursivamente a ideia da superioridade branca, enquanto isso se disseminava o mito da democracia racial na sociedade brasileira. Assim, reproduziam-se os estereótipos discriminatórios que remontam desde a época da abolição da escravatura.

A partir do enredo de *Menina bonita do laço de fita* (1986), percebe-se a apresentação de uma afirmação positiva da identidade negra para a criança, ao inserir uma menina negra como protagonista, sem lhe atribuir aspectos/características negativas, mas sim valorizando sua estética, fisionomia e herança sociocultural africana na sua constituição física e psicológica.

Dito isso, a obra atua como uma quebra de paradigmas por meio da ressignificação da representação social do negro. Esse livro permite ainda aos professores a oportunidade de trabalhar, por meio do enredo, a educação antirracista e o respeito em relação à diversidade étnica e cultural do Brasil.

Referências

Academia Brasileira de Letras (ABL). Atualizado em 2017. Disponível em: (<https://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia>) Acesso em: 03 de maio de 2021

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. *A relevância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na educação infantil*. Africanias. com, v. 5, p. 1-17, 2014.

ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. 2º edição. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ, 1981.

BENTO, Maria Aparecida Silva et al. *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT, p. 98-117, 2012

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, trad. Floriano Fernandes, Rio de Janeiro, editora Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 20.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p.171-193. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20c3%a0%20Literatura.pdf. Acesso em 04 abr. 2021.

CAVÉQUIA, Marcia A. Paganini. *Breve panorama da literatura infantil e juvenil no Brasil*. Artigo publicado em, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: (das origens Indoeuropéias ao Brasil Contemporâneo)*. refund. e ampl. São Paulo: Quiron, 1985.

DE SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano; FERNANDES, Viviane Barboza. *Identidade Negra entre exclusão e liberdade*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 63, p. 103-120, 2016.

FARIAS, Jessica Oliveira. *A representação do negro na literatura infantil brasileira*. Periferia. v. 10, n. 1, p. 17-32, 2018.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica*. Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, p. 9-38, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, v. 4, 2008.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: _____. Representation, Cultural Representations and Signifying Practices. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

JOVINO, Ione da Silva. *Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil*. Literatura Afro-brasileira. Salvador: Centro de estudos afroorientais, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. 6ª edição. 7. impr. Ática, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 1986.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, p.77-112, 2006.

MARTINS, Regina. *A importância dos personagens negros dentro da literatura infantil para valorização da diversidade*. Curitiba, 2015.

MELO, Keity Elen da Silva. *A construção da identidade na Educação Infantil*. 2019. Disponível em: <https://entretantoeducacao.com.br/professor/a-construcao-da-identidade-na-educacao-infantil/> Acesso em 09 de out. 2020

OLIVEIRA, Alaís Lima de; SOUZA, Adriana Ribeiro de; *Literatura infantil afro-brasileira? A construção identitária em A cor da ternura de Geni Guimarães*. 2015.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros*. In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações, convergências. 2008. p. 13-17.

PASSOS, Elizete Silva. Palcos e platéias: *as representações de gênero na Faculdade de Filosofia. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher-NEIM, FFCH/UFBA*, 1999.

PROENÇA FILHO, Domicio. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estudos Avançados, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SILVA, Luciana Cunha; SILVA, Katia Gomes. *O negro na literatura infanto-juvenil*. Revista Thema, v. 8, n. 2, 2011.

SODRÉ, Patrícia; SOUZA, Ângela. *Literatura infanto-juvenil e relações étnico-raciais no ensino fundamental*. Relatório Anual, PUC-Rio, 2011.

Recebido em 15 de julho de 2022.

Aprovado em 05 de janeiro de 2023.